

DE MAXAMBOMBA A CORREIO DA SEMANA: O CASO DE UM SEMANÁRIO “INTERIORANO” (NOVA IGUAÇU, 1955-1965)

Maria Lúcia Bezerra da Silva Alexandre

Doutoranda em História

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - Fundação Getúlio Vargas (CPDOC - FGV)

marialuciabsa@gmail.com

Resumo: O artigo tem por objetivo discutir o papel desempenhado pelo semanário *Correio da Semana* periódico situado em Nova Iguaçu, município da Baixada Fluminense, na primeira metade do século XX. Fundado em 18 de dezembro de 1955 o referido impresso se consolidou no campo jornalístico no início dos anos 1960, momento em que o *Correio de Maxambomba* tornou-se *Correio da Semana*. A partir do autointitulado “Arauto das Reivindicações da Baixada Fluminense” a primeira metade deste trabalho discorrerá sobre a história do dado semanário, sobretudo, acerca de sua origem e afinidade com alguns segmentos da sociedade iguaçuana, especialmente, com a esfera política e comercial. Na segunda parte farei uma análise do projeto gráfico e editorial de forma que elementos como fotografias, textos, destaques e legendas sejam relacionados ao conteúdo noticiado, ou seja, como o impresso publicou determinados assuntos e portou-se mediante tensões, personagens e instituições da região. Portanto, a relação entre imprensa e poder local será discutida com base no modus operante do *Correio da Semana* para que desta maneira se compreenda porque alguns fatos se tornaram notícia e outros não.

Palavras-chave: Imprensa; Nova Iguaçu; Jornalismo.

O JORNAL E A CIDADE

Moses no Nosso Aniversário: Um jornal Merecedor do Aprêço Dos Seus Leitores, da Comunidade em Geral

O SÉTIMO aniversário do CORREIO DA SEMANA é um acontecimento festivo para imprensa fluminense, ao qual a Associação Brasileira de Imprensa não poderia faltar com a sua solidariedade, com a sua mensagem de cordialidade aos confrades que tão bem souberam projetar o importante semanário de Nova Iguaçu. Dionísio Bassi timoneiro denodado do CORREIO DA SEMANA, líder de magnífica equipe de profissionais, certamente influenciou seu jornal, seu programa com sua personalidade de batalhador, idealista dos mais fervorosos. Com seus companheiros de luta, fez do CORREIO DA SEMANA um jornal merecedor do aprêço de seus leitores, da comunidade em geral. Aos confrades do CORREIO DA SEMANA, destacadamente a Dionísio Bassi, ABI envia saudação efusiva com expressões de simpatia e votos de continuados sucessos.

HEBERT MOSES

(CORREIO DA SEMANA, 1962, ed.369, p.1)

Não por acaso Hebert Moses (1884-1972)¹ afirmou que o aniversário do *Correio da Semana* foi “um acontecimento festivo para imprensa fluminense”, pois era comum folhetins surgirem na mesma velocidade em que desapareciam após alguns meses em circulação. Dito isto, devemos olhar com atenção para longevidade deste semanário iguaçuano, uma vez que sua continuidade se deu por razões que ultrapassam apenas a “personalidade batalhadora e o idealismo fervoroso” de seu diretor Dionísio Bassi. Datado de 18 de dezembro de 1955, o *Correio da Semana* deu início as suas atividades como *Correio Maxambomba*, nome que seria mudado apenas em 1961. De acordo com o próprio jornalista Dionísio Bassi, os sete anos de existência da folha foram marcados por muitas dificuldades:

Não é fácil: muito ao contrário, é muito difícil manter um jornal, como o nosso, em plano municipal. O que nos estimula são os elogios que recebemos de profissionais que de Niterói, quer do Rio, com referência ao aspecto gráfico e ao conteúdo dêste jornal. Modéstia à parte, muitas vezes ouvimos dizer que êste é o melhor jornal do Estado do Rio, semanário, mas a verdade é que ainda não conseguimos fazer tudo que pretendíamos. Nossos planos, vão muito além. (IBIDEM, IDEM)

Infelizmente não há dados sobre a criação do periódico, haja vista a inexistência da edição de lançamento e a incompletude dos exemplares publicados durante seu primeiro ano de circulação. Contudo, dois exemplares datados de 1956 foram encontrados no arquivo da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), o primeiro de 05 de fevereiro de 1956 e o segundo de 01 de abril, ambos, dirigidos por Paulo de Lima Brayner e não por Dionísio Bassi. Ao investigar a ligação deste personagem com o jornalista apurou-se que a irmã deste último, Felícia Anaira Bassi se casou com Paulo Brayner Nunes dos Santos em 28 de março de 1942².

Não é possível afirmar se o diretor do jornal e o cunhado de Bassi são a mesma pessoa, mas ao ler a relação de testemunhas um nome chama atenção: Floriano de Lima

¹ Filho do austríaco Inácio Moses e da norte-americana Ida Moses, Hebert Moses nasceu em 27 de julho de 1884 no Rio de Janeiro, então capital do Império. Advogado e jornalista integrou, juntamente com Irineu Marinho e outros colegas, o grupo responsável pela fundação do jornal *A Noite* em 1911. Também participou da criação do *O Globo* no mesmo ano, mais precisamente, como diretor da tesouraria. Em 1931 seria eleito presidente da ABI cargo que ocuparia até 1965. Ver: MOSES, Herbert, *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001. Acessado em: <http://www.fgv.br/CPDOC/BUSCA/dicionarios/verbete-biografico/moses-herbert>, 30 de julho de 2019 às 10:29.

² Acessado em: <https://familysearch.org/ark:/61903/3:1:S3HT-DCJD-Y3?cc=1582573&wc=9G58-FMC%3A113334201%2C159848701%2C121417101>

Brayner³. O militar⁴ teve grande influência nos anos entre os anos 1940 e 1960, contudo não há informações que precisem o grau de parentesco entre Paulo Lima Brayner e Floriano Lima Brayner, de todo modo isto denota que o então *Correio de Maxambomba* contou com o capital político desta família carioca, uma vez que Bassi era uma figura influente na imprensa da Capital Federal.

Os exemplares⁵ de 17 de fevereiro de 1957 a 01 de julho de 1961 revelam que Dionísio Bassi tornou-se diretor no lugar de Paulo Lima Brayner no segundo ano do jornal. Como veremos mais adiante, o fato de o jornalista assumir a direção do semanário sinaliza motivações que estariam ligadas à sua relação com a política e a imprensa⁶ na cidade de Nova Iguaçu, nos anos 1950 e 1960. Dados biográficos apontam que sua carreira se manteve entre o jornalismo e o setor público, sendo o primeiro marcado por uma passagem no *Diário de Notícias*⁷, e o segundo, no funcionalismo público iguaçuano em 1937.

De acordo com a cronologia elaborada pelo próprio Dionísio Bassi, o mesmo se distanciou de suas funções como servidor público na segunda metade dos anos 1940, momento em que se tornou pela primeira vez vereador (1947-1950) em Nova Iguaçu. Mesmo sendo eleito pelo Partido Social Democrático (PSD), os registros da polícia política do estado do Rio de Janeiro indicam que Bassi era membro do Partido Comunista do Brasil (PCB), haja vista sua atuação junto aos Comitês Democráticos Populares (CDP's).⁸

Com a cassação do registro do Partido Comunista em maio de 1946 a candidatura de Dionísio Bassi pelo Partido Social Democrático se justifica para as

³ Ver: BRAYNER, Floriano de Lima. Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001. Acessado em: <http://www.fgv.br/Cpdoc/Acervo/dicionarios/verbete-biografico/brayner-floriano-de-lima>, 30 de julho de 2019 às 23:16.

⁴ Foi Chefe do Estado Maior na Força Expedicionária Brasileira durante a Segunda Guerra Mundial e Chefe do Gabinete Militar no governo de Nereu Ramos entre novembro de 1955 e janeiro de 1956.

⁵ Eles foram descobertos na Fundação Biblioteca Nacional (BN) e microfilmados.

⁶ Nascido em 08 de abril de 1911 no estado da Guanabara, Dionísio Bassi era filho dos imigrantes italianos José Bassi e Maria Genaro Bassi.

⁷ Periódico matutino fundado em 12 de junho de 1930 por Orlando Ribeiro Dias na cidade do Rio de Janeiro.

⁸ Estes grupos foram lançados por Luiz Carlos Prestes para “conseguir um maior número de informações a respeito das condições enfrentadas pela população”. Os CPD's da Capital Federal e de municípios como Nova Iguaçu, Mesquita e Nilópolis possuíam características administrativas similares e tratavam de problemas ligados a saúde, educação e transporte público. Ver: SANTOS, Henrique Buy dos. “Os Comitês Democráticos Populares na Baixada Fluminense (1945-1947)” In: (orgs) GARCIA, Graciela, SALES, Jean e SILVA, Lúcia. *Capítulos da História da Baixada Fluminense – Ensino e pesquisa na licenciatura de História do Campus de Nova Iguaçu*. Seropédica, Rio de Janeiro: Ed. da UFRRJ, 2013.

eleições municipais de 1947, contudo o segundo mandato para Câmara Legislativa Municipal de Nova Iguaçu (1955-1958) seria marcada pelo seu desligamento do PCB nos anos 1950, provavelmente por um contexto marcado pela ilegalidade, forte repressão dos seus militantes e tensões causadas pela proximidade de membros com o trabalhismo consolidado pelo governo de Getúlio Vargas.

Além deste distanciamento do “passado subversivo”, sua segunda legislatura foi caracterizada por fatores socioeconômicos, políticos e culturais mais amplos que explicam o surgimento de um jornal como o *Correio de Maxambomba* em dezembro de 1955. A fundação deste semanário se deu em uma conjuntura na qual a citricultura - principal atividade econômica nos anos 1920 e 1930 – deixou de ser a força propulsora do distrito-sede. Com o processo de loteamento das chácaras utilizadas para o cultivo da laranja as terras (SOUZA, 1992, p.93) ganharam outros usos e a região hoje denominada por Baixada Fluminense um novo sentido.

A construção desta periferia (SILVA, 2018, p.20) no final dos anos 1940 se deu pela combinação de especulação imobiliária e migrantes em busca de lotes próximos da linha ferroviária, principal meio de locomoção para a mão de obra que se deslocava diariamente para a cidade do Rio de Janeiro, centro onde se concentrou a maior parte dos postos de trabalho. Conjugado ao retalhamento físico da Grande Iguaçu, devemos destacar a partilha política provocada pelos processos emancipatórios de Duque de Caxias (1943), São João de Meriti (1947) e Nilópolis (1947).

A combinação de novos núcleos de poder com as demandas dos recém emancipados fizeram com que seus representantes entrassem em disputa com agentes políticos, leia-se citricultores, responsáveis por administrar o distrito-sede iguaçuano há pelo menos três décadas. A criação destes três municípios apenas reiterou a existência de uma população distante destas lideranças vinculadas a citricultura, mas que tiveram suas necessidades – saneamento, água, educação, saúde e segurança - atendidas por figuras como Tenório Cavalcanti no pós-emancipação.

Mesmo tímida, a expansão do setor industrial e comerciário também trouxe consigo agentes que sinalizavam a defesa de um desenvolvimentismo a partir seus setores e crescente urbanização. Este movimento configurou outra ameaça as práticas e narrativas atreladas ao grupo político citricultor, uma vez que novas lideranças

poderiam orquestrar ações junto a cargos públicos, políticos, associações⁹, clubes¹⁰ e meios de comunicação que potencializariam a voz de seus representantes.

A possibilidade de reunir agentes que atendessem interesses para além dos gestados a partir das relações clientelistas citricultoras, fez com que Dionísio Bassi despontassem como uma liderança dentro campo político e comunicacional iguaçuano. Sua eleição pelo PSD para vereador deu início a este movimento de aproximação de personagens como Getúlio de Moura, representante máximo dos interesses pessedistas iguaçuanos por mais de uma década.

Ainda não há dados suficientes para aferir as relações estabelecidas por Bassi em seu primeiro mandato, contudo os processos emancipatórios associados à sua imersão no Legislativo Municipal podem lhe ter dado às condições necessárias para que fosse reeleito em 1955 e assim, fizesse frente com um periodismo que atendessem as demandas de novos grupos e instituições, ou até mesmo, a manutenção de privilégios com estes patrícios iguaçuanos. No mais o jornalismo adotado por ele trouxe os elementos editoriais e gráficos do modelo americano que lhe daria o papel de concorrente do principal semanário da cidade, o *Correio da Lavoura*.

Datado de 22 de março de 1917 o *Correio da Lavoura*, periódico iguaçuano mais antigo ainda em circulação, foi plataforma política do movimento ruralista no início do século XX. Tendo a lavoura, instrução e higiene por lema, a folha fundada pelo capitão Silvino Hypólito de Azeredo Coutinho difundiu práticas e representações acerca da citricultura. A partir de um determinado imaginário, o semanário dirigido pela família Azeredo enalteceu em suas páginas indivíduos e instituições atrelados a laranja, principalmente com durante o declínio da produção cítrica e a reconfiguração do território nos anos 1940.

Com a morte do patriarca em 1939, os filhos Luiz Martins de Azeredo e Avelino Martins de Azeredo permaneceram à frente do jornal. Mesmo com as mudanças em curso na imprensa dos anos 1950, eles mantiveram o estilo literário e noticioso de produção de notícias das décadas anteriores. Tudo indica que esta foi uma estratégia para sustentar determinada memória sobre a cidade na qual eles se colocavam

⁹ A Associação Comercial e Industrial de Nova Iguaçu, a ACINI, foi um deste importantes espaços responsáveis por congregar importantes personagens da indústria e comércio da região.

¹⁰ Criado em 1958, o Country Club Nova Iguaçu foi outro espaço responsável por reunir membros da “alta sociedade iguaçuana”.

como peça fundamental. Na contramão de seu rival, o *Correio de Maxambomba* elegeu um padrão discursivo prático e “independente” que se manteve alinhado a valores como liberdade, modernidade e democracia. Possivelmente, isto trouxe tensões no campo da informação, pois o fazer notícia agora tinha um concorrente neste, referenciando Pierre Nora, *lugar de memória*.

Com objetividade e caráter denunciativo, o jornal de Dionísio Bassi veiculou desde sua fundação, inúmeras matérias e colunas que deveriam atender “apenas os interesses da população”. O semanário usou de forma recorrente palavras como imparcialidade e “afastamento de interesses políticos”, contudo inúmeras edições noticiaram o trabalho de Bassi na Câmara Municipal “a favor dos iguaçuanos” e contra “privilégios” de seus colegas de bancada. O jogo de distanciamento e aproximação de figuras influentes evidencia a preocupação em arraigar capital político e consolidar seu espaço dentro da “Society Iguaçuana”.

Longe de qualquer neutralidade, o jornalismo promovido pelo *Correio de Maxambomba* manteve uma estreita relação com empresários, sindicatos, trabalhadores urbanos e rurais, mais principalmente, junto a figuras políticas tradicionais e em ascensão no município de Nova Iguaçu e bairro da região metropolitana do Rio de Janeiro. Seus embates com Luiz de Azeredo, diretor do *Correio da Lavoura*, denotam que a modernização da imprensa caracterizada por um modelo empresarial norte-americano, na verdade, não se deu ou tão pouco ocorreu da mesma maneira em todos os veículos de comunicação.

Diferentemente de impressos cariocas como *Jornal do Brasil*, o fazer jornalístico iguaçuano se manteve marcado pela dinâmica dos núcleos de poder locais, pois a “análise do perfil editorial destes jornais revela a interseção entre a política populista, a cultura popular e as técnicas da indústria cultural.” (SIQUEIRA, 2006, p.56) Para o *Correio de Maxambomba* a *transição da imprensa* (ABREU, 1996) se deu do ponto de vista gráfico e editorial, mas não distante do palanque político.

Veremos como o código verbal e o código visual do *Correio da Semana* refletiram as mudanças do fazer jornalístico ao noticiar a região nas décadas de 1950 e 1960. Por isso, a segunda parte do artigo tratará como a disposição gráfica mais arrojada e menos verborrágica combinou temas – saneamento básico, habitação, violência – concernentes ao município de forma que se explicitasse o processo de periferização de Nova Iguaçu, ou seja, quando este tornou-se a Baixada como entendemos hoje.

O PROJETO GRÁFICO E EDITORAL

Após uma breve análise histórica sobre a origem e afinidade do semanário com a elite citricultora no contexto dos anos 1950, analisarei o projeto editorial e gráfico de três capas do *Correio da Semana*. A primeira se refere ao exemplar datado de 05 de fevereiro de 1956, uma vez que esta é a única publicação a se aproximar de dezembro de 1955, ano de fundação do CM. A segunda se refere ao dia 28 de janeiro de 1961 quando o *Correio de Maxambomba* torna-se *Correio da Semana* e a terceira, de 19 de dezembro de 1964, edição em que se comemorou os 10 anos de existência do jornal.

Tendo em vista os inúmeros elementos gráficos e conteudistas dos exemplares escolhidos e o limite de páginas deste artigo, metodologicamente as capas podem dimensionar os fins do jornal uma vez que o projeto gráfico e de editoração não podem ser averiguados em separado, pois são criados em absoluta conformidade, “ou seja, com as definições ideológicas ou filosóficas, quando se aplicam, e definições de público-alvo, assuntos tratados, linguagem e personalidade da publicação.” (GUARALDO, 2007, p.37)

Um conjunto de elementos formais presentes nestas três capas podem explicar a identidade deste jornal, dentre eles estão: formato e tipo do papel, tipografia, cores, logotipo, imagens, ocupação do espaço, colunagem, margens, boxes, fios, sombras e demais itens gráficos como número de páginas, sinalizações e etc. O projeto gráfico também permitirá que aspectos sutis sejam notados, como a sequência dos textos e as imagens (fotos, charges e etc.).

Estes itens são fundamentais para que se compreenda o que este semanário definiu como elementos obrigatórios e aquilo que era passível de variação. Segundo Guaraldo, isto “garante que a publicação tenha impacto visual e ao mesmo tempo tenha identidade reconhecida em cada página ou em cada edição.” (IBIDEM, IDEM) A personalidade visual de suas capas, em momentos distintos, também nos dará uma dimensão de quais fatos viraram notícia, ou seja, de que forma editores discorreram e distribuíram temas como economia, política, cultura e esporte ao longo das páginas.

Para dar início a esta análise estabelece diálogo com *Oficina do Historiador*, de Heloisa de Faria Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto, artigo que sugere um conjunto de procedimentos metodológicos para o estudo do conteúdo, mais principalmente, “os seus modos de articulação e expressão” (CRUZ e PEIXOTO, 2007,

p.262). Dito isto, segue a capa do então *Correio de Maxambomba* de 05 fevereiro de 1956:



Foto 1 - Correio de Maxambomba, 05 de fevereiro de 1956, ed. 8, p.1
Fonte: Associação Brasileira de Imprensa (ABI)

Hierarquicamente podemos identificar alguns elementos centrais desta capa, como por exemplo, o título CORREIO em caixa alta e Maxambomba em estilo cursivo, ambos em azul e centralizados na parte superior da página. Não há um subtítulo, mas o nome do diretor Paulo de Lima Brayner e não Dionísio Bassi, dado mencionado no início deste trabalho. Elementos como ano, local, dia, mês, ano e edição da publicação estão acima do título do jornal, enquanto que na parte inferior, localizamos o preço da publicação, 1 cruzeiro, no interior de um quadrado bem ao centro.

Não constam tiragem ou periodicidade da folha, assim como o nome de anunciantes ou elementos de publicidade, contudo sua impressão se deu em papel jornal, tamanho A3 e a cores. Isto nos revela que as condições técnicas de produção

eram altas, tendo em vista o número de elementos como cor e principalmente imagens que descreveremos mais a frente. O número de “chamadas” para as matérias deve ser outro elemento considerado nesta capa, uma vez todas elas estão em cor azul, tamanho maior que o restante do texto, distribuídas de alto a abaixo e alinhadas a direita da página (sentido da leitura). Esta diagramação tem por finalidade direcionar o olhar para determinados títulos de forma que o leitor leia no primeiro momento em que teve contato visual com o jornal.

De acordo com José Ferreira Junior, as reformas editoriais iniciadas pelo *Jornal do Brasil* nos anos 1950 foram um marco em termos gráficos. “Introduziu-se, com esse projeto, a noção de que o suporte da linguagem não é neutro e pode ser um elemento do alfabeto visual da página impressa.” (FERREIRA, 2003, p.15). O autor também pontua que o movimento de reformular a diagramação está associado ao processo de urbanização, pois a relação dos indivíduos com a informação muda a medida que a lógica do contexto urbano exige novas formas de ler o ambiente.

O urbano exige uma cultura capaz de “acompanhar” a velocidade das mudanças das relações e do cidadão. “Lança-se a população urbana, por conseguinte, a uma prática observadora em cujo cerne habita uma inquietação do olhar desbravador sobre um objeto que se reconstrói a cada dia [...]” (IBIDEM, 2003, p.56) O jornal é este elemento que se refaz diariamente por esta razão teve de se adequar a lógica ao que o autor definiu por materialidade da visualidade urbana.

Quando analisamos a capa do *Correio de Maxambomba* fica evidente a preocupação com os signos do urbano, pois seus editores entenderam que o *design* deve estabelecer uma interface que corresponda a dinâmica de uma Nova Iguaçu retalhada territorialmente por emancipações, formada por uma crescente população de migrantes e carente de serviços básicos. Não por acaso uma das chamadas em caixa alta e cor azul no alto da página diz “CALÇAMENTO E LUZ ELÉTRICA” ou mais abaixo “NOVA IGUAÇU E NILÓPOLIS RESOLVERAM A PENDÊNCIA DO MATADOURO”.

A resolução destes problemas atingia diretamente o dia a dia da população, por isso, agora não bastava apenas noticiar, mas como fazer isso graficamente. Agora todo e qualquer elemento do semanário, até seus espaços em branco da capa produzem sentido. A direção do então *Correio de Maxambomba* entendeu que “a convivência de peças visuais com o movimento das cidades faz com que haja uma seleção das manifestações,

certamente criativas, trazendo consequências [...] relevantes para o contexto urbano.” (IBIDEM, 2003, p.61).

Parafraseando Nicolau Sevcenko, Jorge Ferreira Junior afirma que as capas dos periódicos passaram a situar um *magnetismo gráfico-visual* causado pela sua composição e exposição de notícias em bancas de jornais em toda a cidade. A capa de 1956 posicionou manchetes e figuras políticas de forma estratégica, pois visualmente as informações sobre melhorias municipais se associam a imagem do prefeito no topo da página. No cabeçalho a informação em azul “CALÇAMENTO E LUZ ELÉTRICA” e logo abaixo “Obras públicas que serão, hoje, inauguradas pelo prefeito Ary Schiavo”.

Do mesmo lado esquerdo, mais ao final da página, temos uma fotografia do prefeito Ary Schiavo ao lado do presidente da república Juscelino Kubitschek e do então deputado Getúlio de Moura, todos filiados ao Partido Social Democrático (PSD). Aqui se aplica o que o Ferreira Junior descreveu por “vinculação orgânica entre vida urbana e design gráfico”, ou seja, manchete, matéria e imagem se complementam para dizer que o desenvolvimento do aparelho urbano em determinado bairro é resultado do empenho de uma administração municipal apoiada pelo governo estadual e federal.

Esta premissa se confirma com a publicação de outra fotografia ao lado da notícia sobre as obras inauguradas pelo prefeito no bairro do K-11. A imagem de Juscelino Kubitschek e seu vice João Goulart é do mesmo tamanho da chamada sobre a atuação do governo de Ary Schiavo, e contém um título acima da foto que diz “Vitória do Povo”. Abaixo se afirma que a posse da presidência da república significa um feito de caráter quantitativo e qualitativo para o país. Este conjunto de notícias e imagens estarem posicionada de uma determinada maneira ao longo da capa traduz, em outra linguagem, uma posição editorial que não necessariamente escrita.

Isto revela como o jornal, especialmente Dionísio Bassi, assumiu a direção pensando sua própria posição dentro do jogo político municipal, uma vez que o jornalista foi novamente eleito para vereador pelo PSD. Era o momento de demonstrar a união da sigla, nos diferentes níveis de poder, pelo “bem da população iguaçuana”. A segunda capa escolhida para análise segue um movimento similar a primeira, contudo com as especificidades da publicação em 28 de janeiro de 1961, quando o *Correio de Maxambomba* torna-se *Correio da Semana*. Na capa podemos situar alguns elementos gráficos que marcam a transição ou não da história do jornal:



Foto 2 - Correio da Semana, 05 de janeiro de 1961, ed. 271, p.1.
Fonte: Fundação Biblioteca Nacional (FBN)

Sem explicar as razões para tal, os exemplares que sucederam esta capa noticiavam a mudança do nome a partir de 28 de janeiro de 1961, no entanto a edição faz uma combinação entre diagramação e notícias que esclarece *Maxambomba* tornasse *Semana*. No topo da página há “Nova Iguaçu lidera o censo: 301 mil habitantes”, esta informação isolada causa impacto a quem lê, mas principalmente quando consideramos os dados preliminares divulgados pelo IBGE em agosto de 1961:

Os sete municípios mais populosos eram, na data do censo, Nova Iguaçu (359 364 habitantes), Campos (292 292), São Gonçalo (247 754), Niterói (245 467), Duque de Caxias (243 619), São João de Meriti (191 734) e Petrópolis (150 300). Nesses Municípios, que tinham em conjunto 1 730 530 habitantes, se concentrava mais de 50% da população do Estado. (IBGE, 1960, p.3)

De acordo com o levantamento feito pelo IBGE a população total de Nova Iguaçu era de 149.649 mil habitantes em 1950, contudo este número saltou para 359.364 em 1960, sendo 257.516 pessoas moradoras da área urbana e 101.848

domiciliadas em áreas rurais. O crescimento populacional denota que o público do jornal não era o mesmo, por isso noticiar as demandas do distrito-sede iguaçuano já não correspondia a realidade posta nos anos 1960. Isto fica evidente quando o nome do semanário foi alterado por uma justificativa publicada, no centro da capa, sob o título de “Aos leitores”:

A MUDANÇA do título foi ditada pela necessidade, imposta pela consolidação e expansão deste jornal de cobrir uma maior porção do território fluminense. Porque – e o dizemos sem bazófia, mas conscientes da responsabilidade que assumimos – estamos dispostos a preencher o vácuo existente no Estado do Rio, em matéria de imprensa, que até hoje não possui um jornal de âmbito estadual, que reflita e estimule o progresso da << Velha Província >>, hoje entre as cinco ou seis unidades que lideram o surto desenvolvimentista do país. (CORREIO DA SEMANA, 1961, ed, 271, p.1)

Outros elementos dispostos ao longo da capa também revelam o projeto de expansão comercial do jornal, como por exemplo, o aumento no valor de vendagem de um para três cruzeiros. A presença de anúncios nos cantos inferiores da capa aponta a preocupação na venda de espaço publicitário para determinados parceiros ligados a indústria e comércio. Isto igualmente reflete a inquietação por temas ligados ao desenvolvimentismo do país, principalmente no estado do Rio de Janeiro. No canto superior direito há uma fotografia do governador Roberto da Silveira em uma festa de inauguração da Refinaria de Duque de Caxias.

Ao lado do governador, da direita para esquerda estão o senador Miguel Couto Filho, o deputado Tenório Cavalcanti de costas, Juscelino Kubistchek, o vice-governador Celso Peçanha e Paiva Muniz, Secretário de Comunicações. A inauguração da refinaria por figuras políticas do cenário estadual e federal corroboram com o que Adrianno Oliveira denominou por estratégia econômicas das indústrias de bens de consumo durável e de capital, pois neste momento o eixo “Rio de Janeiro e São Paulo representavam um papel importantíssimo e [...] tinham a maior parte do setor industrial.” (OLIVEIRA, 2006, p.57).

Na parte inferior, a esquerda, há uma foto do deputado pelos PSD, José Haddad, em que diz “Será pavimentada a ligação de Rocha Sobrinho a Via Dutra”. Este movimento de aprovação pela melhoria do acesso que ligou o bairro de Rocha Sobrinho, distrito de Mesquita a rodovia inaugurada em 1950, demonstra a preocupação em adquirir capital político e estimular o projeto JK de interligar o país por meio das rodovias federais e estaduais.

Entretanto, quando olhamos a capa de dezembro de 1964 a edição entrega um formato diferenciado em relação as demais aqui apresentadas.



Foto 3 - Correio da Semana, 19 de dezembro de 1961, ed. 471, p.1.
Fonte: Fundação Biblioteca Nacional (FBN)

Em termo de conteúdo e diagramação o *Correio da Semana* noticiou seus dez anos com um layout que “empenhou-se na retirada do preciosismo existente nos ornamentos gráficos, tornando-se emblemática, no conjunto da reforma, a exclusão do fio de coluna.” (OP CIT, 2003, p.82) Inaugurada pelo JB, a relação assimétrica entre texto e imagem estabeleceu uma nova forma de se pensar capas de impressos nos anos 1950, no caso do CM, isto parece ter sido fortemente incorporado nos anos 1960.

A disposição de outros componentes como imagens, valorização do espaço gráfico, destaque de textos e limpeza de “adornos desnecessários” nesta capa, por exemplo, tornou “mais “orgânicas” as relações entre subsistemas” que compunham a

proposta do *Correio da Semana*. Percebemos que o caminhar da composição visual simétrica do semanário iguaçuano para o assimétrico foi lento, mas isto muda quando ele encontra aproximação da capa como um cartaz publicitário. O preço imerso no meio da página está rodeado de imagens, manchetes, fotografias e chamadas que exploram o que Ferreira Junior chama de *máxima visualidade*. A capa convida visualmente a leitura de conteúdos que correspondem a Baixada e não somente o município de Nova Iguaçu.

A capa sinaliza o artigo “Correio da Semana Ano 10” de Dionísio Bassi e outro “Grande Ignorância a respeito da Baixada”, ambos na terceira página da edição. A matéria e a coluna de Bassi estão no alto da terceira página, sendo a primeira a esquerda e a segunda a direita. O texto redigido pelo diretor do CM discorre sobre as vitórias e dificuldades de uma década a frente do semanário, por isso enaltece que “Nunca traímos. Nunca nos omitimos” diante dos desafios impostos ao impresso. Há a recapitulação de uma memória sobre o *Correio da Semana* que se confunde com a vida do seu fundador, pois a existência do jornal se dá na medida em que ele se torna um instrumento para narrar os “feitos” de sua atuação como vereador na cidade¹¹.

Ao lado da matéria sobre o aniversário do CM há uma grande chamada para o artigo que definiu, do ponto de vista geográfico, o que seria Baixada Fluminense. De acordo com o *Correio da Semana*, o autor Jourdan Amora¹² se equivocou ao dizer que Baixada Fluminense é formada apenas por Nova Iguaçu, Duque de Caxias, Nilópolis e São João de Meriti, pois esta é apenas uma parte da Baixada da Guanabara. A discussão em torno da fusão dos estados da Guanabara e o do Rio de Janeiro começou nas décadas de 1930 e 1940, e se intensificou nos anos 1960, por isso o jornal pode ter levantando esta questão em 1964.

De acordo com Hélio Evangelista, a não efetivação do projeto neste momento se deu por “questão orçamentária conjugada à questão jurídica serviram como os principais aspectos da propriamente técnicos à questão.” (EVANGELISTA, 1998, p. 28). Isto torna evidente a preocupação da imprensa, sobretudo local, em noticiar como a região deveria ser retratada no contexto em que a periferização estava em curso. Nesta conjuntura, firmar quem era ou não parte da Baixada significou ter mais ou menos investimentos para municípios com crescentes problemas de caráter urbano.

¹¹ Dionísio Bassi candidatou-se a deputado estadual pelo PTB em 1958, contudo não se elegeu.

¹² Foi jornalista e *A Tribuna* e *Jornal de Icarai* durante a década de 1960. Ver: <http://www.labhoi.uff.br/arquivo-sonoro/item/3120>

CONCLUSÃO

Tendo em vista o contexto de criação do *Correio da Semana* e suas contínuas transformações editoriais e gráficas é possível concluir que o fazer jornalístico iguaçuano nos concede uma leitura própria sobre o processo de periferação da região nos anos 1950 e 1960. Compreender que esta periferia em formação produziu ideias sobre este processo a partir da história de sua imprensa e de que as alianças firmadas por Dionísio Bassi explicam as razões para que o periódico se aproximasse ou não de temas da conjuntura local e estadual, permite concluirmos que a abordagem dada por este jornal e outros que posteriormente viriam se deu com base em um determinado sentido de Baixada: uma periferia em construção.

FONTES:

Jornal *Correio de Maxambomba* e *Correio da Semana* - FBN
VII Recenseamento Geral do Brasil - Estado do Rio de Janeiro, Sinopse Preliminar do Censo Demográfico. IBGE – Serviço Nacional de Recenseamento, 1960.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CRUZ, Heloisa de Faria e PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História*, São Paulo, n.35, p.253-270, dez, 2007.

EVANGELISTA, Hélio de Araújo. *A fusão dos estados da Guanabara e do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 1998.

FERREIRA JUNIOR, José. *Capas de Jornal: a primeira imagem e o espaço gráfico visual*. São Paulo: Senac, 2003.

GUARALDO, Laís. *A construção da Linguagem Gráfica na criação de Ilustrações Jornalísticas*. 132 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

RODRIGUES, Adrianno Oliveira. *De Maxambomba a Nova Iguaçu (1833 – 90's): Economia e Território em Processo*. 2006. 201f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) - Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: 2006.

SILVA, Lúcia Helena Pereira. “As emancipações políticas na década de 1940 e a construção de uma periferia: o caso de Duque de Caxias.” *Revista Mosaico*. 2018 jul./dez.; 09 (2): SUPLEMENTOS 19-25.

SIQUEIRA, Carla Vieira de. “*Sexo, crime e sindicato*”: *sensacionalismo e populismo nos jornais Última Hora, O Dia e Luta Democrática durante o segundo governo Vargas (1951- 1954)*. 2006. 304 f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: 2006.

SOUZA, Sonali Maria de. *Da laranja ao lote: Transformações sociais em Nova Iguaçu*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: 1992.